

# Capítulo 2

## INSERÇÃO DE UM JOVEM FUTEBOLISTA BRASILEIRO EM UM CLUBE COMUNITÁRIO ITALIANO

Ari Lazzarotti Filho

Universidade Federal de Goiás (PPGEF/UFG)

### INTRODUÇÃO

O Brasil é frequentemente referido como o país do futebol, o que construiu o estereótipo de uma nação inteiramente dedicada a essa prática, no entanto, essa referência revela apenas uma meia-verdade. O futebol no Brasil é amplamente praticado como lazer, de forma desinteressada, como jogo, brincadeira ou diversão, como um fenômeno social e popular (Spaggiari, 2024). Talvez o mais adequado seria afirmar que o Brasil é o país dos futebóis pela sua diversidade (Damo, 2019). Com a criatividade e astúcia do povo brasileiro, criamos variações dessa prática: o futebol de areia, o futevôlei, o futebol 7, o futebol society, o futsal, o golbol, o futmesa, etc., presentes em diversas regiões do país e praticados por uma parcela significativa da população brasileira, porém, a grande maioria não está articulado e controlado pelo sistema federativo.

A diversidade e o grande número de brasileiros e brasileiras envolvidos em práticas futebolísticas têm contribuído para a revelação contínua de jogadores e jogadoras de destaque no futebol profissional, frequentemente conquistando títulos de relevância mundial. No entanto, ao refletirmos sobre a formação desses atletas, surgem preocupações quanto ao perfil de profissional que estamos formando e ao custo desse processo. Essa inquietação é fundamentada nas crescentes ocorrências de jogadores brasileiros envolvidos em práticas de assédio, estupro e outras condutas inaceitáveis no contexto do futebol (Rial, 1987; Cavalcanti; Capraro, 2019).

Nesse sentido, cabe questionar: o que estamos promovendo na formação de nossas crianças e adolescentes que aspiram a ser jogadores profissionais? De outro lado, o que estamos fazendo com a imensa massa de crianças que sonharam um dia serem jogadores de futebol, investiram tempo, dinheiro e muita energia, mas que não se tornaram jogadores de futebol?

Uma possível resposta para essas questões reside na ausência de uma política de formação estruturada e de longo prazo voltada para os principais agentes e instituições responsáveis pelo futebol brasileiro. No estado de Goiás, por exemplo, apenas o Goiás Esporte Clube possui o selo de clube formador da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) (Zirpoli, 2024). Esse selo garante condições aceitáveis para a formação de jovens com dignidade. Sem a presença da CBF nos clubes formadores, a própria estrutura esportiva e o investimento nessa importante etapa acabam ficando a desejar, pois ainda se acredita no mito do país do futebol, no dom (Damo, 2005) e que, com isso, teremos grandes jogadores. Ficamos à mercê do acaso, da exceção e, mais grave ainda, formamos mal a grande maioria desses jovens que terão o futebol presente nas suas vidas.

A experiência na Itália revelou uma realidade significativamente distinta, caracterizada por uma estrutura futebolística robusta, organizada por federações e integrada a uma prática comunitária consolidada. Nesse contexto, diversos clubes, pequenos, médios e grandes, atuam em todas as categorias e níveis, promovendo uma articulação ampla entre o esporte e a comunidade local. Esses clubes, ao mesmo tempo que são federados, seguem as orientações e estão respaldados pela Federazione Italiana Giuoco Calcio-FIGC, contam com inúmeros voluntários e o futebol, na sua grande maioria, é praticado em clubes comunitários em pequenas cidades, mantendo competições entre campeonatos e torneios que se estendem entre locais, regionais a nacionais, mas todos têm como ponto de partida as comunidades e os bairros. Essa mesma realidade, Damo (2005) afirma ter encontrado na França, onde o futebol intemediário, o chamado comunitário no Brasil, está integrado ao sistema federativo.

Como professor e pesquisador da área da Educação Física no Brasil, o tema do esporte, e especificamente do futebol, faz parte da minha vida acadêmica e da minha história como prática de lazer, e estando na Itália para um pós-doutorado em Educação Física, colocar o filho nesse ambiente esportivo foi uma decisão que trouxe desafios, pois, como afirma Bourdieu (1999), nossas decisões são tomadas dentro de um campo de possibilidades que dependem dessas predisposições e sempre estão articuladas de um desinteresse interessado. Dessa forma, nossa experiência familiar trouxe reflexões sobre os processos de inserção e desenvolvimento, aliado a toda experiência advinda dessa prática e que a foi transformando em uma oportunidade de análise acadêmico-científica e sistematizada neste relato.

Assim, esse trabalho busca relatar a experiência da inserção de um jovem de 13 anos, que participou intensamente da temporada de 2022/2023, em um clube de futebol na província de Padova, localizada na região do Vêneto, no norte da Itália. A experiência foi analisada sob a ótica do Relato de Experiência (Mussi; Flores; Almeida, (2021), com foco nos aspectos de formação, trazendo à tona semelhanças e diferenças nas experiências nos processos formativos do futebol entre Brasil e Itália.

O objetivo é relatar, a partir dessa experiência, as práticas de formação no futebol em um clube comunitário italiano e contribuir para a compreensão das formas pelas quais esse esporte, de grande popularidade em ambos os países, vem sendo desenvolvido de maneiras distintas.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Este estudo é de natureza descritiva e foi realizado no formato de um relato de experiência sobre a inserção de um jovem futebolista, cuja trajetória é acompanhada desde os 6 anos de idade, e explora os aprendizados proporcionados pela convivência com outros pais e mães, com o ambiente das competições, o funcionamento do clube, o trabalho dos treinadores, as adaptações e os conflitos encontrados nesse percurso. Ao longo desses anos, também como pesquisador da área de futebol e participante ativo desse esporte, compartilho um paralelo entre a vivência no

futebol brasileiro e a experiência de um ano em um clube comunitário na Itália.

Como relato de experiência, tenta articular o particular e social, busca dar sentido ao presente da vivência do passado por compreender que a mediação entre objetividade e subjetividade compõem a pesquisa em ciências sociais, e pesquisar nessa área é sempre com sujeitos, até por que, como afirma Montagner (2007), os eventos biográficos não seguem uma linearidade progressiva que ligue e dê sentido a todos os acontecimentos narrados por uma pessoa. “Eles não se concatenam em um todo coerente, coeso e atado por uma cadeia de inter-relações: esta construção é realizada a posteriori pelo indivíduo ou pelo pesquisador no momento em que produz um relato oral, uma narrativa (Montagner, 2007, p. 252)”.

Metodologicamente, foi usado o formato de Relato de Experiência-RE desenvolvido por Mussi; Flores; Almeida, (2021). Para os referidos autores, o relato de experiência consiste em um tipo de produção de conhecimento que apresenta como principal característica a descrição de uma proposta de intervenção ou vivência. Para os referidos autores:

[...] o RE em contexto acadêmico pretende, além da descrição da experiência vivida (experiência próxima), a sua valorização por meio do esforço acadêmico-científico explicativo, por meio da aplicação crítica-reflexiva com apoio teórico-metodológico (experiência distante) (Mussi; Flores; Almeida, 2021, p. 64).

O relato foi estruturado a partir de um quadro de sugestões de Mussi; Flores; Almeida, (2021) e adaptado para esse estudo. Nessa adaptação, o RE foi assim estruturado: a Introdução contextualiza o campo teórico, justifica a relevância do relato e expõe seus objetivos de maneira referenciada e informativa. O Procedimento Metodológico descreve o tipo de estudo, o período temporal, o local e o eixo da experiência, além da caracterização da atividade e do contexto, utilizando abordagens informativas, referendadas e descritivas. A Descrição dos aspectos centrais da experiência destaca eventos-chave, desafios e aprendizados de forma informativa. A Discussão realiza uma análise crítica, articulando categorias centrais com referenciais teóricos e comparações com experiências anteriores. Por fim, as Considerações Finais sintetizam os aprendizados,

apresentando reflexões e sugestões para futuras experiências, além de apontar os limites do RE.

O período do RE aconteceu de setembro de 2022 a julho de 2023 e o local foi no MestrinoRubano Football Club, na cidade de Rubano, província de Padova, no norte da Itália, o qual tem suas raízes na fusão de dois históricos clubes locais: o Mestrino Calcio e o Rubano Calcio, ambos fundados na década de 1970. O Mestrino Calcio, criado em 1972, e o Rubano Calcio, fundado em 1974, desempenharam papéis importantes no desenvolvimento do futebol comunitário na região de Padova no Vêneto, ao longo de várias décadas.

Em 2015, esses dois clubes se uniram, dando origem ao MestrinoRubano, localizado nos municípios de Mestrino e de Rubano, na província de Padova, região do Vêneto. O clube conta com instalações modernas que incluem campos de futebol bem equipados e um centro esportivo de apoio. Essas estruturas são utilizadas tanto para as atividades competitivas quanto para programas de treinamento e eventos comunitários. O clube serve como ponto de encontro para jovens e familiares, consolidando sua presença no cenário esportivo e de lazer local.

O público central no qual se deu parte da vivência, foi uma equipe de futebol sub-14 na categoria Regional do Clube MestrinoRubano. Também fazem parte do relato a equipe técnica e as famílias dos atletas em formação, as quais, em função dos filhos, acompanham os jogos, os treinos e constituem parte importante de todo o processo de formação e de sustentação do clube e dos próprios atletas em formação.

A caracterização da experiência está centrada na inserção de um jovem atleta de 13 anos num clube formador comunitário de futebol italiano onde relato e analiso esta experiência. O tipo da vivência foi através do acompanhamento desse jovem atleta no referido clube. Como pai, pesquisador e professor, acompanhando todo o processo desde os testes de entrada, treinos, jogos, torneios, reuniões e confraternizações promovidas pelo clube com as demais famílias dos jovens atletas em formação.

A análise foi realizada através de uma descrição crítica que, segundo Mussi, Flores e Almeida (2021), refere-se a uma análise reflexiva que

[...] objetiva refletir a ação, revelando a sua nuance e possibilidades que agreguem ao campo acadêmico profissional. (p. 72).

Os cuidados éticos foram respeitados ao serem usadas somente informações vivenciadas, respeitando os agentes sem a revelação de nomes. As fontes utilizadas são, na sua totalidade, públicas e as imagens contidas nesse relato são do próprio clube MestrinoRubano, publicadas no seu anuário, em redes sociais e em arquivos pessoais da família.

## DESCRIÇÃO DOS ASPECTOS CENTRAIS DA EXPERIÊNCIA

Neste item, são descritas as etapas vivenciadas pela família no processo de inserção do jovem em um clube italiano, desde a chegada ao país até seu desligamento da instituição.

### CHEGADA E A BUSCA POR CLUBES DE FUTEBOL NA ITÁLIA

No dia 1º de setembro de 2022, cheguei com minha família — esposa, filha de 16 anos e filho de 13 anos — à cidade de Padova, no norte da Itália, para realizar um pós-doutorado num período de um ano. Já tínhamos algum conhecimento da cidade, da cultura e do modo de vida italiano, pois, em outro momento, tivemos a oportunidade de vivenciar um período nesse país.

Nosso primeiro desafio foi encontrar um apartamento para alugar, o que seria crucial para garantir a estabilidade familiar e permitir a busca por escola e outras atividades. Após muitos dias de procura, encontramos um apartamento em Rubano, uma cidade ao lado de Padova, e a partir daí iniciamos o processo de inserção dos filhos, primeiro na escola e depois em atividades extracurriculares.

O filho, desde os 6 anos, jogava futebol no Goiás Esporte Clube, na cidade de Goiânia, Goiás, e tinha integrado as equipes principais desse clube no Brasil, portanto, achamos interessante que ele pudesse continuar praticando o esporte na Itália. Ao explorar a região ao redor do novo apartamento, encontramos três clubes com programas de iniciação esportiva e vinculados a FIGC: Padova, Nunsma e MestrinoRubano,

todos localizados num raio de três quilômetros. Esse foi um elemento de surpresa, visto que encontramos muitas crianças praticando futebol num pequeno raio próximo à nossa moradia.

## TESTES E PENEIRAS NOS CLUBES

Nosso primeiro contato foi com o Padova, principal clube da província, cuja equipe sub-14 disputava a categoria elite da Federação Italiana. Conversamos com a secretaria do clube, que sugeriu uma semana de testes. Após esse período, fomos informados de que a equipe estava completa para a temporada 2022/2023, uma forma delicada de dizer que nosso filho não havia sido selecionado. Avalio que o nível técnico da equipe estava acima do que ele poderia acompanhar, além da dificuldade com a língua para compreender as orientações do treinador.

A segunda tentativa foi no Nunsma, um clube de bairro com uma equipe sub-14 que competia na categoria provincial de Padova. Ao chegarmos ao local, tivemos uma recepção rude por parte de um dos treinadores, que respondeu de maneira grosseira a uma simples pergunta sobre a secretaria do clube. Apesar do constrangimento, optamos por continuar com o teste, e, após 10 minutos de treino, o treinador já o havia aprovado, elogiando bastante a sua técnica. Ele fez um excelente treino, inclusive marcando, segundo ele, o gol mais bonito de sua vida, o que o motivou ainda mais para ter o futebol no seu horizonte de experiência naquele país.

Por fim, decidimos participar do teste também no MestrinoRubano, cuja equipe sub-15 estava a apenas um quilômetro de nosso apartamento. Mesmo sendo uma categoria acima da idade, ele fez uma semana de testes e foi aprovado. A partir daí, agradecemos ao Nunsma pela oportunidade. No entanto, o treinador do Nunsma insistiu para que ficasse na equipe dele, enviando diversas mensagens com tom de pressão e nada amistosas. Nossa decisão foi pautada justamente por ter a possibilidade de outras equipes acima e, assim, poder se movimentar, visto que, depois da escolha do clube, matrícula e registro na FIGC, não haveria mais a possibilidade de jogar por outro clube na temporada, e tínhamos somente um ano no país.

Seguimos com a matrícula no MestrinoRubano, onde, após um mês de treinos com meninos mais velhos e fisicamente mais fortes, ele foi notado por um membro da equipe técnica do clube que sugeriu que fizesse um outro teste para a equipe sub-14 regional. Mais uma semana de testes sendo avaliado, aprovado e integrado na equipe, na qual jogou toda a temporada de 2022-2023.

#### A MATRÍCULA NO CLUBE E A VIVÊNCIA NO FUTEBOL ITALIANO

Após a aprovação nos testes, iniciamos o processo de matrícula no clube como jogador em formação. Um dos requisitos principais no formulário de inscrição era a identificação do clube de origem do atleta. Informamos que ele jogava desde os 6 anos no Goiás Esporte Clube, no Brasil, e já havia integrado equipes de base do clube, participando de várias competições, inclusive internacionais.

A dúvida sobre ele ter sido federado no Brasil gerou um impasse, já que essa condição era indispensável para que pudesse competir em jogos oficiais na Itália. Após verificarmos, descobrimos que, apesar de ter jogado no clube por seis anos, ele nunca foi federado no Brasil, o que não é comum na Itália, visto que todos meninos desde os 6 anos em atividade no clube são federados.

A informação se já tinha sido federado era fundamentada em uma norma aprovada na Itália em 2019, que visa a proteger jovens atletas (FIGC, 2019). Segundo essa lei, qualquer transferência nacional ou internacional de atletas menores de 16 anos exige um período de carência de seis meses. Esse requisito busca impedir o tráfico irregular de crianças, especialmente aquelas provenientes de países africanos e da América Latina, assim também, como busca evitar as transferências abruptas desses jovens entre as próprias regiões da Itália. Tal dificuldade pode ser vista na comunicação da secretaria do Clube na mensagem abaixo, e ao mesmo tempo nos documentos exigidos.

Bom dia, Sr. Lazzarotti,  
Como o senhor pode ver, Federar o ... está sendo um dilema. A FIGC está me solicitando a complementação de alguns documentos. O documento em anexo é a comunicação que recebemos.

Gentilmente, poderia me enviar os documentos listados abaixo?  
Certidão de nascimento do jogador de futebol, da qual constam as informações gerais dos pais;  
Situação trabalhista dos pais (cópia do contrato de trabalho ou documentos similares);  
Declaração de matrícula e frequência escolar.  
Quando estiver com todos esses documentos, o senhor, a senhora (se presente) e jogador deverão comparecer à sede para assinar alguns documentos.

Em nosso caso, algumas particularidades se impuseram, uma vez que a dupla cidadania, italiana e brasileira, gerava dificuldades para o próprio clube no que tange à interpretação dos procedimentos a serem seguidos. Após extensas argumentações e a apresentação de toda a documentação acima exigida, foi solicitado um exame médico habilitando-o para competições (chamado de exame médio agonístico) e comprovação de residência na província. Superar toda essa burocracia e as incertezas, pois, estando num país estrangeiro, não sabíamos como nos movimentar foi um processo que se estendeu por três meses. Durante esse período, embora tenha participado regularmente dos treinos e amistosos, ele permaneceu impedido de atuar em partidas oficiais. Somente em 28 de dezembro de 2022, após a obtenção da autorização da FIGC, foi possível sua participação nos campeonatos federados.

A inscrição no clube para toda a temporada 2022/2023 custou €300, o que correspondia ao pagamento dos treinos e jogos, o material esportivo completo, incluindo mala, camisas, calções, meião, capa de chuva, jaqueta, acasalho, uniforme de treino e de passeio, dentre outros itens para o treinamento.

#### TREINOS, JOGOS, CAMPEONATO E TORNEIOS

A participação nos treinos teve início antes do processo de federalização e ocorria regularmente às segundas, terças e quintas-feiras, das 17h30 às 20h. A distância entre o local dos treinos e nosso apartamento era de aproximadamente 3 km, percurso que ele realizava, de forma autônoma, utilizando bicicleta. A estrutura dos treinos apresentava uma dinâmica diversificada, incluindo pequenos jogos, treinamento físico, exercícios técnicos e táticos e, ao final, a realização de um jogo coletivo adapta-

do. Esse último era ajustado conforme o objetivo do treino, como, por exemplo, jogos com limitação de dois toques por jogador, situações de ataque contra defesa, pequenos jogos entre outras variações táticas.

Era chamado de “Brasileiro” e logo os estereótipos do jogador brasileiro, habilidoso, driblador e, claro, atacante e fazedor de gols foram atribuídos a ele, mas suas características não eram bem essas. No Brasil, sempre preferiu jogar na defesa, ou como zagueiro, volante, meia, lateral...Na Itália, foi logo alçado como ponta, meia e atacante em função, também, das suas habilidades, mas principalmente em função do estereótipo do jogador brasileiro. Sempre reclamava, pois não sabia e não gostava de jogar nessas posições, mas conversávamos muito da importância de experimentar, já que estava em formação e se o técnico o estava colocando nessas posições era por algum motivo e deveria aproveitar a oportunidade e aprender com elas.

Hoje grande gol do \_\_\_\_\_. Giacomo lançou a bola para \_\_\_\_ que chutou um missil no gol. Bom domingo. (Mensagem de um pai de outro atleta enviada num jogo que não pude estar presente)

Ao comparar com as experiências anteriores vivenciadas no Brasil, foi possível identificar diferenças significativas na organização e dinâmica dos treinamentos. No contexto brasileiro, as conhecidas escolinhas à brasileira, nas quais a quantidade de horas dedicadas ao esporte era frequentemente limitada pela estruturação do tempo e pela lógica organizacional, eram caracterizadas por uma centralidade na gestão de um maior número de alunos e turmas dentro de um determinado período, além da necessidade de otimizar o tempo dos treinadores. Conseqüentemente, os treinamentos no Brasil apresentavam um enfoque mais nos grandes jogos, o conhecido coletivo. Por outro lado, na Itália, os treinamentos demonstravam uma ênfase maior nos aspectos táticos, em pequenos jogos e em exercícios físicos. Outro elemento distintivo foi a dedicação exclusiva dos treinadores, que não possuíam atividades adicionais antes ou depois dos treinos, o que lhes permitia acompanhar de forma mais próxima e atenta o desenvolvimento dos atletas em formação daquela categoria e estavam sempre disponíveis para conversar com os pais para feedbacks.

Após o registro na FIGC, ele começou a participar do campeonato regional, que havia iniciado em setembro e se estendia até junho. A competição envolveu 18 equipes, no sistema de turno e retorno todos contra todos. Os jogos eram realizados aos domingos pela manhã nos campos dos clubes participantes. A equipe do MestrinoRubano manteve-se entre as cinco primeiras por grande parte do campeonato, mas ficou em 6º lugar ao final da temporada.

Durante a temporada, a equipe sub-14 participou de diversos torneios organizados pelo próprio clube, ou pelos clubes da Região, tanto na cidade de Mestrino quanto em outras localidades. Um dos destaques foi um torneio realizado na cidade de Florença, que envolveu uma viagem de três dias, proporcionando experiências significativas para os atletas e suas famílias. Em comparação com a experiência no Brasil, a vivência futebolística na Itália revelou-se significativamente mais intensa e enriquecedora. Em apenas um ano de atividades, os atletas participaram de um número de jogos que superou mais da metade do total de partidas disputadas ao longo de seis anos de prática no Brasil. Essa diferença evidencia não apenas um maior volume de tempo dedicado ao futebol, mas também a oferta de experiências mais diversificadas e significativas, com uma maior frequência de competições que contribuíram para o desenvolvimento técnico, tático e social dos jogadores.

#### A PROFISSIONALIZAÇÃO E O VOLUNTARIADO NO CLUBE

A equipe sub-14 do MestrinoRubano era composta por 24 atletas em formação, todos moradores da província de Padova. Alguns desses eram filhos de estrangeiros residentes: um da Armênia, um da Albânia, um da Romênia, um da Moldávia e um do Brasil. A Equipe técnica era composta por um técnico, um auxiliar técnico e um fisioterapeuta. Tanto o treinador quanto o auxiliar eram voluntários, fato comum no clube, no qual muitos cargos eram ocupados por ex-atletas do clube, moradores ou pessoas com vínculos familiares com o clube. Esses voluntários, embora sem formação acadêmica em Educação Física, como é comum no Brasil, possuíam os cursos de capacitação exigidos pela FIGC<sup>10</sup>.

<sup>10</sup> A Federação Brasileira de Futebol começa a implantar um sistema parecido com o Europeu e desenvolve cursos regulares de formação chamado CBF Academy. <https://www.cbfacademy.com.br>

O trabalho é tão central e constitutivo da cultura italiana que, mesmo após a aposentadoria ou durante o tempo livre, muitas pessoas continuam a desenvolver atividades consideradas 'voluntárias'. Trata-se, no entanto, de trabalho propriamente dito, com a única diferença de não ser remunerado (Fala de uma colega ítalo-brasileira que mora na Itália há mais de 20 anos)

Alguns cargos, como o de coordenador técnico e secretários, eram remunerados, garantindo o funcionamento administrativo do clube. O técnico respeitosamente era chamado de Mister e possuía uma grande respeitabilidade, tanto pelos atletas em formação como pelos familiares. De idade mais avançada, aposentado na sua profissão, exercia o cargo como voluntário e tinha uma longa história dentro do clube. No final da temporada, em uma confraternização, fez uma fala de agradecimento, pois no ano seguinte iria assumir outra categoria do clube e, no meio da fala, apresentou uma coincidência: relatou que há 15 anos, quando treinava uma equipe da mesma categoria, ao se despedir dela, tinha um atleta que hoje é pai de um atleta desta equipe. Fala emocionada e que apresenta um pouco das relações de pertencimento e comunidade dentro do clube.

#### A RELAÇÃO ENTRE CLUBE, FAMÍLIAS E ESCOLA

O clube organizou várias reuniões com as famílias ao longo do ano para discutir o progresso dos atletas em formação, compartilhar as perspectivas do clube-equipe e planejar a participação em torneios que exigiam suporte e estrutura financeira para hospedagem, alimentação e transporte. Também houve um encontro com um psicólogo esportivo, abordando o tema de assédio psicológico, moral e sexual. A palestra conceituou tipos de assédios e alertou os pais para estarem atentos a qualquer sinal do tipo com seus filhos, caso ocorresse, orientou que reportassem ao clube para as ações cabíveis.

As famílias dos jovens atletas acompanhavam sempre os jogos, organizando atividades ao final das partidas, geralmente um lanche para confraternizar. Também organizavam as caronas para os jogos, principalmente quando alguma família não conseguia participar e levar os filhos.

Conciliar o tempo dos treinos com as exigências da escolarização no exterior representou um desafio significativo, particularmente em função da língua e da cultura escolar distinta. O horário escolar na Itália é padrão, com início às 8 horas e término por volta das 16 horas. Já os dias de treino — segundas, quintas e sextas-feiras das 17h30 às 20h — e os domingos, reservados para os jogos.

O planejamento de tempo e a gestão de energia tornavam-se essenciais para o equilíbrio entre estudos e atividades esportivas. A dificuldade de conciliação acabou fazendo com que parte significativa dos jovens futebolistas acabassem optando pelo futebol em detrimento da escolarização. Em estudo de 60 jogadores famosos no exterior, Rial (2012) identificou que a maioria não tinha finalizado o ensino fundamental, de modo que apenas 15% completaram o ensino médio e apenas um tinha iniciado o ensino superior, mas tinha abandonado.

Uma situação relevante emergiu ao final do ano letivo, quando nosso filho, no 9º ano, foi confrontado com a necessidade de realizar o exame de maturidade, obrigatório para a transição para o ensino médio na Itália. Considerando nossa iminente volta ao Brasil e as dificuldades enfrentadas, tanto em conteúdos quanto na adaptação linguística e cultural, solicitamos à diretora que avaliasse a pertinência de ele realizar a prova.

Ao compreender o contexto esportivo e de formação do jovem, a diretora propôs flexibilizar a carga horária e oferecer um atendimento especializado, reconhecendo-o em dupla carreira. Em uma abordagem inusitada, a diretora sugeriu que ele autografasse algo para a escola, projetando seu futuro no futebol e incentivando-o a realizar a prova de maturidade. Tal abordagem impactou positivamente sua autoconfiança e contribuiu para que ele se sentisse motivado e preparado para tal exame final e que pode ter contribuído para sua aprovação.

O exame de maturidade era composto da escolha de um tema e, a partir dele, o estudante deveria relacionar com os conteúdos das disciplinas. Ele escolheu o tema futebol e se preparou para a prova, a qual depois apresentou para uma banca de professores.

## CONFRATERNIZAÇÕES ENTRE JOGADORES E FAMILIARES

Os jogos se tornaram momentos de confraternização entre as famílias. Muitos pais estavam presentes em todas as partidas e, ao final, organizavam lanches coletivos para os atletas, familiares e equipe. Além disso, no encerramento da temporada, organizaram um almoço comunitário, uma festa na igreja organizada pelo clube e uma outra das famílias da equipe sub 14, na qual houve uma partida de futebol entre pais e filhos, reforçando os laços entre a comunidade esportiva e o clube.

Ainda, o clube organiza eventos no início da temporada para apresentar as equipes, um retiro nas montanhas para construir os laços da nova equipe da temporada, assim como entre os atletas e a equipe técnica. Já em datas festivas, sempre organizava um evento, como no Natal e no encerramento da temporada, com uma grande festa com todas as equipes e familiares, nas quais são apresentadas as equipes do ano, suas conquistas e também já anunciavam novas perspectivas para o próximo ano. Nesse encerramento, apresentavam um anuário com todas as equipes e os patrocinadores do clube, esses geralmente da região.

Obá obá obá... (Abordagem de um pai de outro jovem atleta na festa de confraternização, a princípio não entendemos nada o que queria, mas estava cantarolando uma parte da música Mas Que Nada, de Jorge Ben Jor).

Nossa participação foi efetiva nas atividades organizadas pelo Clube e também em algumas atividades organizadas pelos pais dos jovens futebolistas. Nessas confraternizações, foi possível perceber a presença de pais estrangeiros e que se integravam e trocavam informações culturais sobre suas origens. As curiosidades sobre nossa família e também sobre a cultura brasileira eram frequentes, de modo que conversávamos sobre os jogadores brasileiros, sobre as músicas e artistas brasileiros que conheciam.

Figura 1 – Equipe sub-14 temporada 2022/2023 MetrinoRubano



Fonte: Anuário MetrinoRubano temporada 2022/2023

A participação da nossa família acabou sendo limitada, principalmente nos jogos realizados fora de casa, pois havia a necessidade de transporte e, como não tínhamos carro, pedíamos carona para outros pais ou para a equipe técnica levarem nosso filho. Sempre tivemos apoio, tanto da equipe técnica como dos demais pais que se dispuseram a buscá-lo e a apoiar os demais jovens que, por algum motivo, não podiam se locomover para os jogos e torneios.

Essa experiência no futebol italiano revelou não apenas a importância do esporte para a formação técnica e pessoal, mas também o papel fundamental das famílias e do voluntariado na estrutura do clube. A formação com a construção de laços de amizade, de pertencimento e de apoio das famílias fizeram com que os próprios atletas em formação ficassem mais confiantes no seu processo de desenvolvimento. Em vários momentos o nosso filho, ao chegar em casa, relatava que foi cumprimentado por vários pais, os quais elogiavam a sua atuação no jogo.

Figura 2 - As confraternizações do clube entre atletas e famílias



Fonte: Arquivo da família

## O DESLIGAMENTO DO CLUBE

No final da temporada, o Clube começou a apresentar o projeto para o ano seguinte. Apresentou um novo técnico que começou acompanhar os treinos e os jogos finais, assim como a integrar novos jogadores e fazer o desligamento de alguns atletas como o nosso filho, que retornaria ao Brasil. Poucos estavam com convites para testes em clubes maiores e alguns novos atletas, fazendo testes de uma ou duas semanas no clube.

A entrada nos clubes foi mais uma diferença identificada entre os dois países. As ditas peneiras não foram identificadas na Itália, uma vez que, lá, o sistema mais comum era integrar um novo atleta por uma ou duas semanas e avaliar se estava dentro do nível do grupo e também das necessidades de novos atletas. A peneira, como afirma Damo (2012), é

a ação social dos clubes brasileiros, ainda que poucos meninos sejam integrados nelas. Segundo o mesmo autor, geralmente o processo de integração se dá através de um sistema complexo de indicação, de parcerias entre escolinhas e clubes, de agentes (olheiros) ou ex-jogadores que indicam para testes específicos.

Notamos uma preocupação do clube em dar retorno para os atletas em formação e para os pais sobre a situação no processo de formação e no final da temporada. Como por exemplo, dois atletas retornaram à categoria provincial, categoria abaixo, e foi explicado o motivo de que era normal nessa idade estarem instáveis e o fato de voltarem não significaria que iriam permanecer por lá, mas poderiam ficar mais confiantes e, posteriormente, retornarem à equipe principal. Assim explicou o coordenador técnico a todos os atletas, dando um feedback claro dos motivos das tomadas de decisões tanto para incluir novos atletas, como para retornar às equipes de baixo e, ainda, fazendo reuniões individuais com cada atleta em formação e seus familiares.

O desligamento do nosso filho foi marcado por uma linda homenagem: fizeram uma camiseta com a fotografia da equipe e uma pequena festa de despedida de todos os colegas e da equipe técnica. Depois de passado um ano do nosso retorno ao Brasil, ainda acompanhamos o clube e alguns meninos, assim como nosso filho mantém contato com alguns colegas, principalmente através das redes sociais do Clube. No ano de 2024 o Clube fez uma nova parceria e se transformou em Mestrino United, fundindo-se com mais um clube da região.

## DISCUSSÃO

O que ficou dessa experiência? Ficou muito aprendizado significativo que, com certeza, marcou e ficará em nossa história; corroborando Bondía (2002), a experiência é o que fica, o que marca, o que toca, não o que passa.

Dessa experiência de um ano em um clube comunitário/formador na Itália, destacam-se elementos significativos que, em nossa perspectiva, contribuem para a formação de jovens futebolistas. Entre esses elemen-

tos, ressaltam-se: o suporte familiar; a estruturação e o papel do clube comunitário; a interação entre voluntariado e profissionalismo no contexto do clube; a conciliação entre a carreira esportiva e a trajetória escolar. Esses aspectos serão analisados com os devidos cuidados, estabelecendo relações comparativas com as experiências anteriores vivenciadas no contexto do futebol brasileiro.

O suporte da família, as amizades e a participação da comunidade na formação do jogador de futebol são fundamentais para a construção de laços de pertencimento, apoio e solidariedade. Esses elementos ajudam os jovens atletas a superarem as inúmeras dificuldades encontradas ao longo do processo formativo.

Uma das medidas que possibilitam essa estrutura de apoio são as proteções legais estabelecidas tanto pela Federação Italiana de Futebol (FIGC) quanto pelo Estado. Na Itália, por exemplo, há um amparo legal que protege menores de 16 anos para garantir que residam com os pais na região, estejam matriculados e frequentem regularmente a escola, além de garantir que o calendário escolar não entre em conflito com o esportivo (EC, 2012; Itália, 2015, 2019; FIGC, 2019).

Esse aspecto nos chamou atenção por representar um grande diferencial em relação ao Brasil. Nosso filho, desde os seis anos, participa das equipes de um clube brasileiro de formação, no qual observamos que muitos de seus colegas enfrentavam dificuldades significativas para conciliar os treinos com os estudos e não recebiam nenhum amparo legal. Alguns adolescentes e crianças chegavam para as aulas e os treinamentos com grande dificuldade, muitas vezes faltando à escola. Além disso, alguns precisavam se deslocar por duas a três horas até o local dos treinos, residindo em alojamentos não oficiais do clube, na casa de amigos ou de familiares distantes.

Também presenciemos casos de famílias que mudaram completamente de cidade ou região para que seus filhos tentassem seguir carreira no futebol, especialmente vindas do Norte do Brasil em direção ao Centro-Oeste. Essa realidade contrasta com o modelo italiano, que busca equilibrar a formação esportiva com a estabilidade familiar e educacional dos jovens atletas.

No caso dos meninos já vinculados ao clube, observamos a atuação frequente de empresários, agentes, olheiros e aventureiros que abordavam os pais com propostas para transferir seus filhos para clubes maiores, especialmente nas regiões Sul e Sudeste. Esse processo ocorria, muitas vezes, sem a devida consideração pelo bem-estar das crianças, afastando-as das famílias, dos amigos e do ambiente onde iniciaram sua formação esportiva. O mesmo tipo de prática também era observado na relação entre clubes de diferentes portes, com os maiores recrutando atletas de clubes menores. Esse cenário parece ser regido pela lógica da competitividade extrema, na qual prevalece a “lei do mais forte”.

Em diversas situações, acompanhamos transferências de jovens jogadores que, ao serem expostos a uma responsabilidade desproporcional para sua idade, retornavam frustrados diante do não cumprimento das promessas feitas. A falta de um olhar atento às necessidades das crianças e de um respeito pelo seu tempo de desenvolvimento era evidente. Além disso, não identificamos a existência de ações concretas ou regulamentações, seja por parte dos clubes, da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) ou do Estado, para coibir tais práticas.

A sedução desse tipo de proposta se sustenta na promessa de realização de um sonho e na perspectiva de ascensão econômica da família, muitas vezes percebida como a única alternativa de mobilidade social. Assim, o risco inerente a essas negociações acaba sendo normalizado, e as famílias, sem muitas opções, tendem a aceitar as ofertas, corroborando a tese de que, no Brasil, a trajetória para se tornar jogador de futebol constitui um verdadeiro projeto familiar (Souza *et al.*, 2008; Spaggiari, 2014).

Na Itália, percebemos, também, um cuidado com a dupla carreira esportiva e escolar. O futebol era sempre no contraturno da escola e o calendário escolar dificilmente se chocava com o calendário esportivo, sendo possível a conciliação entre a escola, os treinos e os torneios ou campeonatos de futebol. Também percebemos certa clareza de responsabilidade dos agentes envolvidos nessa formação, principalmente da escola e do clube.

Importante destacar que, na Itália, a dupla carreira possui um arcabouço legal significativo que define as responsabilidades dos envolvidos,

como: EC (2012), Itália (2019) e FIGC (2019). Em estudos de revisão sobre a dupla carreira esportiva no Brasil, Miranda, Santos e Costa, (2020) identificaram que os principais problemas enfrentados na dupla carreira são a conciliação do tempo entre a escolarização e o esporte e a falta de regulamentação específica para a formação dos jovens atletas. Sobre a regulamentação, no Brasil o que existe é um projeto de lei (Brasil, 2019) que se encontra parado, deixando os atletas em dupla carreira totalmente desprotegidos e por não levar em conta dois agentes importantes da formação: as entidades esportivas e a própria família no processo de dupla carreira (Rocha; Pinto; Soares, 2021). Nem familiares, nem escola e nem clubes possuem um arcabouço para se guiarem.

Como resultado, os jovens atletas em formação acabam se movendo dentro desse universo a partir da tradição, quando há um membro na família do meio futebolista que auxilia na carreira ou largados à sorte. Segundo Soares, *et al.*, (2011) estamos diante de uma agência que recruta jovens do sexo masculino, em geral das camadas populares, num tipo de negócio que pode estar em competição com a escolarização básica dos jovens aspirantes a atletas profissionais. A centralidade como negócio e nas perspectivas de lucros pode estar deixando esses jovens em formação cada vez mais à mercê das grandes corporações e, se der certo, tudo bem, caso contrário, na maioria das vezes, os meninos em formação estarão abandonados e sem nada, pois o próprio capital do treinamento de todos os anos de investimento no futebol é difícil ser reconvertido para qualquer outra profissão (Souza *et al.*, 2008; Damo, 2005).

Por ser o futebol um elemento central nas culturas brasileira e italiana, a educação voltada a essa prática corporal deve ultrapassar o simples aprendizado de técnicas e táticas do jogo, promovendo uma formação ampla e integral. Esse tipo de formação visa a incorporar o futebol como uma dimensão cultural presente ao longo de toda a vida do sujeito, enquanto jogador profissional, profissional da área, torcedor ou praticante em momentos de lazer. A lei do Esporte (2023), aprovada recentemente, já traz o esporte para toda a vida como um conceito fundante para o desenvolvimento do esporte no Brasil com essa perspectiva.

O clube onde aconteceu a experiência é uma mescla de comunitário social e esportivo. De um lado, há toda uma cultura do voluntariado, de

participação da comunidade, de encontro e de lazer, próprios de clubes sociais. Do outro lado, identificamos uma forte relação com a FIGC, a qual marca sua presença e sua força na federação, e realiza o registro de todos os atletas, na organização dos torneios e campeonatos, na profissionalização das ações do clube desde arbitragem, formação dos treinadores e na regulamentação dos processos de desenvolvimento do clube. A capilaridade e a força da FIGC podem ser vistas no número de jovens jogadores federados. Em 2018, o número de crianças e jovens do sexo masculino, com idades entre 5 e 16 anos, registrados na FIGC e praticantes de futebol em clubes italianos correspondia a 20% da população nessa faixa etária (Migliorati; Isidori; Maulini, 2020).

Em contrapartida, as experiências vivenciadas no Brasil indicam que o futebol assume, predominantemente, duas formas de manifestação: ou se configura como uma prática comunitária voltada ao lazer (Rigo; Vidinha, 2024), ou se estrutura de maneira privada, principalmente por meio das chamadas escolinhas de futebol “a la brasileira” (Damo, 2005). Mesmo no contexto dos clubes de futebol, como o Goiás Esporte Clube, as chamadas escolinhas funcionam em paralelo com o sistema de formação de base, nas quais os participantes assumem a posição de clientes, com pouca possibilidade de participação efetiva ou de estabelecimento de laços de pertencimento e envolvimento. Essa mesma lógica se reproduz nas diversas escolinhas de futebol no Brasil, que, ao contrário dos clubes italianos, possuem a função de ensinar a modalidade, porém sem vínculo com o sistema federativo de futebol. Como consequência, esses espaços operam à margem de sistema esportivo estruturado, o que limita a mobilidade e a progressão dos jovens atletas em formação.

Mesmo estando com um projeto familiar de um ano e sabendo que, após esse período, retornaríamos ao Brasil, nossa condição, de certa forma, era privilegiada, pois não estávamos apostando na profissionalização do jovem futebolista. Mesmo assim, as dificuldades foram sentidas, principalmente em estabelecer relações mais próximas, assim como na falta da cultura brasileira, dos amigos e da escola.

O processo de formação de jovens é um constante desafio e ter o suporte dessas pessoas garante uma trajetória mais harmoniosa e saudável. Em vários momentos conversamos sobre os colegas dele que tinham saído

do clube para outros estados, regiões e, inclusive, para outros países, ampliando as experiências, mas também vivenciando grandes dificuldades, às vezes insuperáveis.

Vale destacar que o futebol no clube foi a forma como ele se integrou, conheceu lugares, fez amigos e, como família, nos envolvemos nessa jornada, de modo que, a partir do futebol, nos integramos na comunidade, conhecendo outras pessoas e possibilitando uma socialização num país e numa cultura diferente e distante. A todo o momento, nosso filho afirmava que a única parte boa na Itália era sua experiência com o futebol. Mas também relatou uma situação em que se sentiu ofendido com uma discriminação, por ser estrangeiro, sendo xingado por um colega que falou para voltar para o Brasil. Falas típicas de estranhamento e de xenofobia reproduzidas no futebol, mas que foram contornadas com a convivência e com a ação da equipe do clube.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessas experiências práticas e das reflexões acadêmicas, este relato buscou refletir e tornar públicos aspectos formativos e sociais que emergem desses processos, evidenciando como o futebol pode marcar e construir laços sociais de pertencimento e de experiências significativas.

Os resultados dessa experiência no futebol italiano foram significativos, tanto no aspecto esportivo quanto no pessoal. Tivemos a oportunidade de dar continuidade à formação futebolística em um ambiente diferente, enfrentando desafios, como a adaptação a uma outra cultura na manifestação do futebol, as barreiras linguísticas, além do clima. O processo de registro na Federação Italiana de Futebol, embora demorado devido à legislação de proteção de jovens atletas, dava todo suporte e segurança, permitindo, também, que vivenciasse competições regionais e participasse de torneios importantes, o que contribuiu para seu desenvolvimento esportivo e sua capacidade de lidar com situações adversas.

Além do crescimento técnico-tático, a experiência trouxe uma rica interação social, para o jovem futebolista assim como para toda a família. O envolvimento dos pais no clube, a organização de confraternizações

e o apoio durante torneios criaram um ambiente de acolhimento e de sociabilidade. O voluntariado no clube também destacou o papel da comunidade local no desenvolvimento do esporte, evidenciando a forte relação de identidade entre gerações de jogadores e suas famílias.

Por fim, é importante destacar o receio inicial em relatar essa experiência, sobretudo considerando a necessidade de preservar aspectos íntimos e singulares que são próprios à vivência familiar. Reconhece-se que tais experiências são únicas e irrepetíveis, uma vez que outras famílias jamais viverão exatamente o mesmo processo. Contudo, transformar essa vivência em objeto de reflexão consciente, avaliá-la e expô-la, por meio de uma metodologia específica, representou um grande desafio. Isso ocorre porque, embora o vivido e o narrado sejam dimensões distintas, ambos se tornam presentes à medida que atribuímos sentido a essas experiências no presente, como afirma Rosenthal (2014).

Esse relato não tem a pretensão de afirmar qual é a melhor forma de construir uma experiência, mas exprime uma forma de ver uma delas a partir de predisposições anteriores, da vivência, de modo a torná-la pública com esse relato. Bondiá (2002) corrobora isso ao afirmar que o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece.

A construção de sentidos, a realização de recortes e a seleção dos elementos essenciais dessa experiência para compor este texto revelou-se uma tarefa desafiadora. Isso se deve ao fato de que, nesse tipo de relato, todos os aspectos parecem adquirir relevância. No entanto, foi a partir do campo das possibilidades e das competências do narrador que se elegeram os aspectos aqui apresentados. Espera-se que essa reflexão contribua para o aprofundamento de debates acerca do futebol comunitário e da formação de jovens atletas, especialmente no contexto brasileiro, proporcionando novos olhares e questionamentos sobre essas práticas.

Para concluir, é fundamental ressaltar as limitações desse relato, uma vez que se trata de uma interpretação e uma forma de ver o problema a partir de uma experiência vivenciada em uma cultura distinta, o que deixa muitos aspectos escaparem à nossa compreensão devido ao tempo limitado de permanência no país. Estudos mais aprofundados,

com imersão intencional e uso de diferentes instrumentos de pesquisa, podem contribuir de maneira mais significativa para a compreensão de nuances que não foram captadas nesse relato.

## REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20–28, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

BRASIL. *Projeto de Lei n° 4.393*, de 2019. Dispõe sobre a assistência, em regime de exercícios domiciliares ou à distância, para estudantes da Educação Básica que participem periodicamente de competições desportivas e paradesportivas ou exerçam atividades artísticas itinerantes. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/138079>. Acesso em: 31 out. 2020.

CAVALCANTI, Everton de Albuquerque.; CAPRARO, André Mendes. Experiências indesejáveis: alguns casos de assédio sexual no futebol. *Movimento*, v. 25, p. e25080, 2019.

EC-EUROPEAN COMMISSION. *Linee Guida UE sulla doppia carriera degli atleti*. Brussels, 2012. Disponível em: [https://scuoladello sport.sportosalute.eu/images/sds/Linee\\_Guida\\_EU\\_Doppia\\_Carriera.pdf](https://scuoladello sport.sportosalute.eu/images/sds/Linee_Guida_EU_Doppia_Carriera.pdf). Acesso em: 31 out. 2024.

ITÁLIA. *Legge n. 107 del 13 luglio 2015*. Riforma del sistema nazionale di istruzione e formazione e delega per il riordino delle disposizioni legislative vigenti. Gazzetta Ufficiale, Roma, 15 jul. 2015. Serie generale, n. 162.

ITÁLIA. *Decreto Ministeriale n. 935 dell'11 dicembre 2015*. Programma sperimentale didattica stu-dente-atleta di alto livello, Retrieved September 3, 2019, from [https://www.istruzione.it/allegati/2015/prot935\\_15.pdf](https://www.istruzione.it/allegati/2015/prot935_15.pdf). Acesso em: 31 out. 2024.

FIGC. *Tesseramento sportivo del minore calciatore fuori regione*: art. 40 NOIF (Norme organizzative interne FIGC), 2019. Disponível em: <https://www.figc.it/media/1044/tesseramento.pdf>. Acesso em: 22 out. 2024.

MESTRINORUBANO. *Anuário 2022-2023*. IV Edizione, Maggio 2023.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fabio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out. 2021

MIGLIORATI, Mascia; ISIDORI, Emanuele; MAULINI, Claudia. Promuovere la dual career nel calcio. Una proposta pedagogica. *Formazione & Insegnamento*, v. 18, n. 2, 2020.

MIRANDA, Iuri Scremin De; SANTOS, Wagner Dos; COSTA, Felipe Rodrigues Da. Dupla carreira de estudantes atletas: uma revisão sistemática nacional. *Motrivivência*, v. 32, n. 61, p. 01-21, 2020.

RIAL, Carmen; GROSSI, Miriam. Os estupradores que viraram heróis. *Mulherio* (Fundação Carlos Chagas), n. 32, p. 3-4, out. 1987.

RIAL, Carmen; GROSSI, Miriam. Banal Religiosity Brazilian Athletes as New Missionaries of the Neo-Pentecostal Diaspora. *Vibrant*. v. 9 n. 2. 20212.

RIGO, Luiz Carlos; VIDINHA, Daniel; DA CUNHA, Leonardo Costa. O Futebol Infame no interior do Rio Grande do Sul. In: RIBEIRO R. R; SPAGGIARI, E; ALMEIDA, C. S.; (Org. ). *Futebol Popular*. São Paulo: Ludopédio, 2024. p. 79-104.

ROCHA, Hugo Paula Almeida Da; PINTO, Erika Alcantara; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Marco legal da dupla carreira: perspectivas e limites do projeto de Lei Nº 4 . 393 / 2019. *The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)*, p. 39-53, 2021

ROSENTHAL, Gabriele. História de vida vivenciada e história de vida narrada: a interrelação entre experiência, recordar e narrar. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, v. 14, n. 2, p. 227, 2014.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; MELO, Leonardo Bernardes Silva De; COSTA, Felipe Rodrigues Da; BARTHOLLO, Tiago Lisboa; BENTO, Jorge Olímpio. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 33, n. 4, p. 905-921, 2011.

SOUZA, Camilo Araújo Máximo De; VAZ, Alexandre Fernandez; BARTHOLLO, Tiago Lisboa; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. *Horizontes Antropológicos*, v. 14, n. 30, p. 85-III, 2008.

SPAGGIARI, Enrico; RIBEIRO, Rafael Rajão. Por um Futebol Popular: In: RIBEIRO, Raphael Rajão; SPAGGIARI, Enrico; ALMEIDA, Caroline Soares de. (Orgs.). *Futebol popular*. São Paulo: Editora Ludopédio, 2024. pp. 25-59.

SPAGGIARI, Enrico. Família joga bola. Constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

ZIRPOLI, Cassio. CBF divulga lista de “clubes formadores” com sete do Nordeste; veja relação de 2024. Disponível em: [https://cassiozirpoli.com.br/cbf-divulga-lista-de-clubes-formadores-com-sete-do-nordeste-veja-relacao-de-2024/#google\\_vignette](https://cassiozirpoli.com.br/cbf-divulga-lista-de-clubes-formadores-com-sete-do-nordeste-veja-relacao-de-2024/#google_vignette). Acesso em: 22 out. 2024.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a leitura atenta e as contribuições para a melhoria do texto de Alvina de Bastos e Fábio Machado Pinto.